Apresentação ao Dossiê "Estética, filosofia e política no pensamento italiano contemporâneo: potências para além da península"

Vinícius Nicastro Honesko[*]
Universidade Federal do Paraná

A proposta de um dossiê para pensar questões *no* e *a partir do* pensamento italiano contemporâneo, além de vincular-se à pungência que, desde ao menos o último quarto do século XX, certa dimensão desse pensamento passou a ter fora do contexto peninsular, também se depara com um problema colocado, inclusive, por vários autores italianos que escrevem nesse período: como circunscrever o pensamento italiano? É possível falar de uma sua especificidade? Em que medida essa *identificação* – italiano – do pensamento não seria uma forma de achatar nuanças e peculiaridades no complexo contexto de elaboração de propostas de leitura de *mundo* por parte de autores que dialogam com uma longa tradição histórica plurilinguística e com outros modos de pensar (muito além das circunscrições fronteiriças da península itálica)? Como e de que maneiras esse pensamento provoca, se o provoca, novas possibilidades (estéticas, filosóficas e políticas) em outros espaços e tempos?

No século XX, a despeito de todos seus notórios problemas sócio-políticos (inclua-se o fascismo, as guerras e a pobreza que destas advieram), a longa e riquíssima tradição italiana (na literatura, nas artes plásticas, na música, na arquitetura, nas ciências etc.) dá mostras de que, longe de esgotar-se ou esgarçar-se, ainda mantém seu vigor: o cinema italiano com seu *neorrealismo* (Rossellini, De Sica, Visconti; mas também Pasolini, Fellini, Antonioni, dentre tantos), a literatura e a poesia italianas (Moravia, Calvino, Pirandello, Montale, Primo Levi dentre outros tantos) e, na aurora do século XXI, o pensamento político que desponta no contexto filosófico internacional por conta de alguns autores (alguns deles analisados em textos deste dossiê): Giorgio Agamben, Antonio Negri, Roberto Esposito, Massimo Cacciari, Umberto Eco para ficarmos em alguns nomes.

Seria impossível até mesmo apontar para todos os dossiês, estudos, ensaios e homenagens que tocam, mesmo com os mais diferenciados recortes, os *modos* que forjam, por

[*] Professor do departamento de História e do programa de pós-graduação em História da UFPR. É autor de "O paradigma do tempo: Walter Benjamin e mesianismo em Giorgio Agamben" (2009) e de "Pier Paolo Pasolini: Estudos sobre a figura do intelectual"(2018; *no prelo*). Também atua como tradutor, tendo traduzido, dentre outros autores Giorgio Agamben, Furio Jesi, Luigi Pareyson, Roberto Esposito, Jean-Luc Nancy, Comitê Invisível.

assim dizer, o *pensamento* italiano. Todavia, é importante voltar a ressaltar que desde o último quarto do século XX e início do século XXI certa *particularidade* do pensamento italiano (ou, dos modos de postulação do sensível na Itália e *por* italianos) tem causado certa reverberação no cenário acadêmico internacional: a chamada *Italian Theory* e suas características que parecem denotar, por vezes (como admite, por exemplo, Roberto Esposito), certa *especificidade* ou *diferença* italiana, mesmo – e sobretudo – quando se trata do *diálogo* do pensamento italiano com seu *exterior*. Tendo em vista essas considerações, o dossiê que aqui apresentamos, ao partir da premissa do *pensamento* enquanto uma potência que transcende suas maneiras específicas de manifestação (as artes, as maneiras de organizar a vida em comum etc.), recolheu textos de estudiosos do pensamento italiano que se defrontam com esse *problema* da *diferença* italiana em seus mais diversos desdobramentos.

Como abertura do dossiê, figuram duas traduções de textos de pensadores italianos: *O esfolamento de Marsias,* de Giorgio Agamben, no qual o filósofo traça uma análise da tela homônima de Ticiano a partir dos problemas relacionados aos limites entre humano e inumano, e *O texto como versão interlinear do comentário,* de Furio Jesi, em que o mitólogo aborda a questão do comentário a partir de uma leitura de Walter Benjamin. Nos dois casos a dimensão da limiaridade (dentro/fora; animal/humano; texto/comentário) se apresenta de forma urgente: em Agamben, a indecidibilidade da vida; em Jesi, o texto como invadido pelo comentário (e, neste, também a problemática da tradução como intersecção, como limiar entre, no caso, o italiano e o alemão). Os dois autores – o primeiro, já muito conhecido no Brasil, o segundo, ainda pouco conhecido, mas que, originalíssimo, é um dos pensadores que em grande medida influenciam o pensamento de Agamben –, além de aparecerem nas duas traduções, também têm suas obras analisadas em vários textos deste dossiê. Assim, os pensamentos de Agamben e Jesi acabam se tornando pontos de balizamento fundamentais da leitura do *problema italiano* tal como estava no cerne da proposição original deste dossiê.

Na sequência, aparece a tradução, feita por Caroline Nunes da Motta, de *"Ler o que nunca foi escrito",* de Daniel Heller-Roazen. Trata-se de um estudo feito pelo autor e publicado pela primeira vez como apresentação de *Potentialities,* uma organização de textos de Giorgio Agamben, feita por Heller-Roazen (que também é o tradutor do italiano para o inglês), publicada pela Stanford University Press em 1999. O texto, além de sua original leitura da questão da *potência* no pensamento de Agamben, faz a conexão entre diversos ensaios de Agamben que, até aquela data, o filósofo italiano ainda não havia reunido em livro (algo que só iria acontecer em 2005).

Após essas três traduções iniciais, temos quatro textos dedicados a Giorgio Agamben. O primeiro deles é de Raúl Antelo, *A negatividade em Giorgio Agamben,* no qual Antelo, por meio de um cuidadoso levantamento genealógico dos textos de Agamben, expõe como o problema da negatividade se arma nas leituras do filósofo italiano desde seus primeiros até seus últimos textos. Em seguida, Mercedes Ruvituso, em *Figura y recapitulación: sobre el paradigma agambeniano de la imagen,* apresenta como a dimensão da imagem aparece na obra de Agamben, sobretudo nas leituras que o filósofo faz da *Carta de Paulo aos Romanos.* Patricia Peterle, em *Inoperosidades: Giorgio Agamben, Antonio Delfini e Giorgio Caproni,* faz uma leitura da obra agambeniana em relação direta com dois poetas italianos do século XX muito estudados pelo filósofo. Ao final dessa sequência de textos dedicados a Agamben, temos *O que é o Terror? (notas a partir de Giorgio Agamben),* de Alexandre Nodari, no qual lemos uma atenta digressão teórica a respeito da noção de *terror* que parte de um problema levantado por Agamben em *Stasis. A guerra civil como paradigma do político. Homo Sacer, II, 2* até a perspectiva, calcada em Pierre Clastres e em Eduardo Viveiro de Castros, de algo como uma guerra *contra o Estado.*

Após esses estudos, que se dedicam a ou partem da obra de Giorgio Agamben, temos dois textos inspirados em Furio Jesi. No primeiro deles, *¿Es lícito (hacerse) matar? Sacrificio y martirio en Walter Benjamin y Furio Jesi,* Rodrigo Karmy Bolton traça uma leitura cruzada entre os ensaios *Para uma crítica da violência,* de Walter Benjamin, e *Spartakus,* de Furio Jesi, na qual distingue a noção de sacrífico daquela de martírio, esta que estaria para além de uma forma ligada à soberania e que, portanto, poderia ser estar no cerne dos atos insurrecionais populares, o que leva Karmy a pensar, inclusive, o martírio nas revoltas árabes contemporâneas. Em seguida, Sergio Villalobos-Ruminott, em *Mito, destrucción y revuelta: notas sobre Furio Jesi,* procura pensar o problema das sublevações contemporâneas a partir das teorizações de Jesi a respeito do problema do mito e, sobretudo, por meio de modelo gnosiológico proposto e denominado por Jesi como *máquina mitológica.*

O dossiê continua com o texto de Constanza Serratore, *"Differenza italiana": la política como sujeto. Machiavelli en la lectura de Roberto Esposito,* no qual a autora procura expor, a partir da matriz teórica de Roberto Esposito, como uma *diferença* italiana, no que diz respeito ao pensamento da política, pode inclusive ser vislumbrada já em Machiavel. Maria Betânia Amoroso, em *"Guliver": as revistas, o poder e a literatura ou a razão entre os monstros,* apresenta como um projeto de revista *internacional* que envolvia pensadores franceses, alemães e italianos e que colocava em questão a função intelectual suscitou questões relevantes para se pensar o problema da *comunidade* e que, em certa medida, ainda

permanecem como horizonte problemático no âmbito literário e filosófico no século XXI. Davi Pessoa Carneiro, em *O pensamento Leonardo da Vinci,* partindo de teorizações Italo Calvino sobre noção de *exatidão* em suas lições americanas, procura expor como Calvino acaba por encontrar em Leonardo da Vinci uma possibilidade não de unidade de algo como a representação do mundo, mas um paradigma para a compreensão do que sempre escapa à expressão. Maurício Santana Dias, em *Primo Levi e as chaves da ciência,* investiga, a partir de três ensaios de Primo Levi, como os modos de integrar cultura científica e cultura humanística dá, em certa medida, forma ao projeto intelectual do escritor. O último texto do dossiê, *Expectativa de movimento e figuração italiana na troca de cartas entre Gustavo Dahl e Paulo Emílio (1960-1963),* de Pedro Plaza Pinto, examina como certas figuras relacionadas à Itália, tal como *Pasolini, neo-realismo,* aparecem, muitas vezes em desencontro, no diálogo entre Paulo Emilio Salles Gomes e Gustavo Dahl, que Pinto resgata a partir de um material de arquivo ainda inédito aos leitores brasileiros.

Por fim, gostaria de agradecer aos autores que submeteram os originais à presente edição, aos membros do conselho consultivo da revista e, de modo especial, aos editores da *Diálogos Mediterrânicos* que muito solicitamente acolheram o projeto e agora publicam este dossiê na revista.